

## Clarice Lispector midiática

Edgard César Nolasco<sup>1</sup>  
Willian Rolão Borges da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** É um consenso dos estudos biográficos em torno da vida e da obra da escritora Clarice Lispector que ela, antes mesmo de começar a escrever, já trabalhava na imprensa brasileira. Desse modo, tendo por base o que postula a crítica biográfica, este ensaio intenta apontar a importância que o meio midiático (Jornais, revistas etc) teve para a construção do “bio” literário e intelectual da escritora. Sua leitura assenta-se nas biografias da escritora, bem como nos livros organizados a *posteriori*, que contemplam parte dos textos publicados na imprensa brasileira. Entre as biografias, destacamos a de Nádya Batella Gotlib, intitulada Clarice: uma vida que se conta. Já entre os livros, mencionamos “Só para mulheres” e “Correio Feminino”, ambos organizados por Aparecida Maria Nunes, os quais contêm textos inéditos da escritora publicados na imprensa brasileira.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, Crônicas femininas, Crítica biográfica.

**Abstract:** It is common of biography studies to analyze the works of Clarice Lispector writer, before writing; she was working on Brazilian press. So, basing on the biography review postulates, this article aims to point out

---

<sup>1</sup>Professor de graduação e pós-graduação do DLE/CCHS da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup>Acadêmico do 2º ano do curso de Letras da Universidade de Mato Grosso do Sul, voluntário em Iniciação Científica PIBIC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos Culturais e Comparados (NECC – UFMS), desenvolve o plano de trabalho: “De mulher para mulher: as crônicas femininas de Clarice Lispector”.

the importance of the media (newspaper, magazines etc.) to construct the literary and intellectual “bio” of the writer. Its reading is based on her biography and also on books organized later, that contemplate some parts of issue texts on the Brazilian press. Among the biographies, we detach the book of Nádía Batella Gotlib, named *Clarice: uma vida que se conta*. Now, among these books, we mentioned *Só para mulheres* and *Correio Feminino*, both organized by Aparecida Maria Nunes, in which include new texts of the writer published in Brazilian press.

**Keywords:** Clarice Lispector, Female Chronicle; Biography review.

Consta dos estudos biográficos acerca da escritora Clarice Lispector que a intelectual sempre tivera um pé na imprensa. Com base nessa informação, interessa-nos aqui rastrear tal experiência com a finalidade de postular como essa vivência de papéis, *personae* e funções corroborou o retrato biográfico-ficcional-cultural da escritora. Para tanto, vamos pontuar as máscaras e perfis criados em torno desse mundo da mídia, bem como refazer, pelo menos em parte, a trajetória da jornalista Clarice Lispector.

Sobre o início da carreira jornalística, a biógrafa da escritora, Nádía Battella Gotlib, afirma que ela “trabalha como redatora na Agência Nacional, já quando era estudante da Faculdade de Direito, por volta de 1940, iniciando uma atividade jornalística que terá continuidade ao longo de toda a sua vida, ainda que com interrupções” (GOTLIB, 1995, p.149). De acordo com Gotlib, a jovem jornalista trabalha, primeiramente, como tradutora, passa, em seguida, para a reportagem, sendo transferida, posteriormente, para o Jornal *A noite*, onde exerce a função de repórter (Cf GOTLIB,

1995, p.150). A biógrafa informa que o primeiro registro profissional da escritora como jornalista deu-se em “2 de março de 1942, quando acabava de completar os seus 22 anos” (GOTLIB, 1995, p.150-151). Conforme ainda se lê na biografia, a escritora “foi uma das primeiras repórteres brasileiras”, cercada por intelectuais ilustres da época, como Lúcio Cardoso, Antonio Callado, Francisco de Assis Barbosa, entre muitos outros.

Aparecida Maria Nunes, estudiosa que se dedicou à trajetória da escritora na imprensa brasileira, no livro *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, declara ter ficado “perplexa diante das múltiplas funções que a escritora desempenhou: cronista, tradutora, repórter, entrevistadora e colunista de página feminina.” (NUNES, 2006, p.23). Apesar das várias funções desenvolvidas na imprensa brasileira, a escritora, segundo Nunes, *não se considerava jornalista nem muito menos gostava de atuar na imprensa*. Na seqüência, Aparecida Nunes diz o que mais nos interessa nesta leitura, isto é, que o “jornalismo servia basicamente para a subsistência da ficcionista” (NUNES, 2006, p.23-24) Soma-se a isso em importância para nossa leitura a afirmativa de Nunes de que a escritora mostrava-se nas páginas dos periódicos como “uma outra Clarice que merecia nossa atenção” (NUNES, 2006, p.24).

Detendo-nos especificamente em nossa suposição de que a vida midiática da escritora não só alterou, em parte, sua produção intelectual, como também, e principalmente, põe em destaque um traço biográfico que não pode ser desconsiderado no perfil biográfico-cultural da escritora, entendemos que se, por um lado, a condição financeira da intelectual marcou sobremaneira o papel e lugar da escritora na tradição literária brasileira, por outro lado, a vivência dela na imprensa serviu para embaralhar ainda mais as suas várias *personae*, dificultando ainda mais que a crítica, mesmo a biográfica, se aproximasse daquele perfil que mais colado estivesse da figura real da escritora Clarice Lispector. Estamos postulando a ideia de

que a vivência midiática da escritora traz para os estudos em torno de sua figura literária dois traços culturais que suplementam o *bios*: o primeiro mostra que a presença da escritora na imprensa sempre esteve atrelada às suas necessidades financeiras; logo, é escusado dizer que estudar sua vida, bem como sua obra, passa obrigatoriamente por considerar a condição econômica na qual ela se encontrava na sociedade brasileira. Nesse caso, a figura da intelectual é indissociável do papel e lugar que a mesma ocupa no contexto social no qual está inserido. O outro traço fica por conta da capacidade de a mídia descentralizar e multiplicar as *personae* da mulher jornalista escritora para o outro, seja por meio do nome próprio impresso no *Jornal*, seja quando o *Jornal* permite a escritora valer-se de outras assinaturas, como mostraremos.

Aparecida Maria Nunes lembra-nos que a atividade da intelectual na imprensa brasileira não se deu de forma isolada de sua vida de escritora. De acordo com Nunes, desde os anos quarenta, e lembramos que o primeiro livro da autora é de quarenta e três, até os anos de 76 e 77 (a escritora faleceu em 77), Clarice não só teve um pé na imprensa, como teve uma produção intensa na mesma. O curioso é observar que Nunes reconhece que em tais páginas jornalísticas tinha-se uma Clarice que tentava se comunicar com outro tipo de público, logo, por conseguinte, uma Clarice também diferente. Na década de 50, por exemplo, muitos dos textos publicados pela escritora nas páginas da imprensa, como a Revista *Senhor*, vão resultar no livro de contos *Laços de família* (1960). Vários amigos jornalistas ou escritores, por toda a vida da escritora, vão acolhê-la na imprensa, como acontece com o jornalista Alberto Dines no *Diário da Noite* (1960 e 1961) e no *Jornal do Brasil* (1967 a 1973), ampliando, assim, nas palavras de Nunes, “as perspectivas de atuação da escritora através da mídia impressa” (NUNES, 2006, p.24).

Entre as várias Clarices que atuaram na imprensa, merece destaque a que (se) dedicou muitas páginas em torno da mulher, isto é, do feminino, principalmente porque, por conta desse trabalho, a escritora muitas vezes

travestiu-se de outra persona, de outro pseudônimo. Não por acaso ela foi, num determinado período de sua vida, Tereza Quadros, noutra Helen Palmer e noutra ainda Ilka Soares. Veja-se que tais pseudônimos e nomes contribuíram, cada um a seu modo, para mascarar a faceta intelectual da escritora, uma vez que, a cada vez que aparecia uma nova persona, de alguma forma aquela persona biográfica anterior era desfeita. Ou seja, ambas as *personae* fictícias suplementam não só uma à outra, como descentralizam a suposta máscara pessoal da escritora na medida em que a figura da intelectual constitui-se indissociável de todos esses trabalhos que ela ocupa na mídia e na vida.

Não por acaso, Nunes diz que encontrou nas páginas femininas uma Clarice “mais afeita às tais ‘futilidades’ de mulher, que a jornalista problematiza, falando em linguagem simples sobre temas tão banais da vida cotidiana – elementos que de certa forma são as bases da sua ficção” (NUNES, 2006, p.24). Na esteira do que diz Nunes, podemos dizer que muitas outras Clarices poderiam ser encontradas dentro e fora da mídia, num suposto lugar onde uma conversa sobre a outra, revelando ou acrescentando exatamente aquilo que cada uma faz questão de omitir para o público. Cronista, romancista, contista, jornalista profissional, tradutora, repórter, entrevistadora, colunista, conselheira sentimental, feiticeira, Clarice Lispector, Tereza Quadros, Helen Palmer, *ghost writer*, Ilka Soares e C.L. rondam o mundo semovente de *personae* da vida intelectual da escritora Clarice Lispector.

Nessa trajetória, se nem sempre tínhamos uma Clarice que aparentava desconforto em desempenhar algum papel, em contrapartida ficou visível o deslizamento de uma imagem pessoal para outra, como se parte do retrato esgarçado de uma persona estivesse na outra, assim como acontecia no processo mesmo de criação empregado pela escritora no qual ela remanejava pedaços de independentemente de ser de sua autoria ou de qualquer outro pseudônimo.

Nessa prática de construção, parece que pouco importou à escritora que Tereza Quadros escrevesse diferente, ou até mesmo se preocupasse com assuntos diferentes, de Helen Palmer, ou Ilka Soares; nessas horas a assinatura, ou nome próprio, era apagado em prol de uma circulação desenfreada de textos que convergia para a consolidação de um processo de criação bastante específico da escritora. Nem mesmo de Clarice para Clarice escritora houve tal respeito autoral, quando o assunto foi ficção. C.L., nesse tocante, não passaram de iniciais de um suposto outro autor.

Entre máscaras, rubricas, nomes próprios e assinaturas, Clarice Lispector não só construiu sua imagem biográfico-intelectual, como também investiu no sentido de desfazer qualquer visada crítica a *posteriori* que achasse possível contornar a arquitetura de um projeto intelectual que se construiu desconstruindo-se a si próprio a vida inteira. Estamos dizendo, com todas as letras, que os vários papéis encenados por Clarice Lispector na vida e na mídia não só migraram para dentro de sua ficção, *suplementando* sua biografia intelectual, como contribuíram, e nesse caso cada persona a seu modo, com estilos, temas e assuntos que inovaram e tornaram a ficção da escritora mais leve e acessível a um público ainda maior.

Nesse sentido, podemos dizer que a imagem pública, midiática da escritora invade a imagem privada desfazendo, de certa forma, aquela imagem que a escritora fez questão de preservar em sua literatura. Daí entender-se que a crítica que não considerou todas as facetas elaboradas pela intelectual, assim como todos os empregos públicos pelos quais ela passou na imprensa brasileira, ter se atido mais em uma persona intimista, solitária e hermética. Na verdade, nesse jogo de papéis que se suplementam mas que não ocupam o mesmo lugar, a persona midiática convida a persona privada para o espaço público, obrigando que esta desfaça aquela imagem aurática de escritora. Não é por acaso que, quando se trata da intelectual Clarice Lispector, o que é da ordem da realidade e da ficção, do *próprio* e do alheio, do

*bios* e da letra encontra-se de forma tão entrelaçada que se torna difícil para a crítica pontuar o que é da ordem da vida e o que é da ordem da ficção no projeto intelectual da escritora.

Daí podermos dizer, no estofado da crítica biográfica que move nossa leitura, que a produção intelectual de Clarice Lispector traz em pano de fundo um material de natureza *bioficcional*, mas que não é necessariamente da ordem do *auto* (excetuando-se o fato de que toda escritura tem um traço autobiográfico). Logo, estamos afirmando que a escrita de Clarice é de natureza biográfica, porque se vale de restos, de rastros e de vestígios culturais, os quais são indissociáveis da arquitetura de seu projeto intelectual. Nisso a escritora difere de muitos outros escritores, cuja escrita é de cunho autobiográfico, memorialístico e confessional. No caso da escritora, redobra-se em importância o traço biográfico de sua ficção o fato de ela valer-se da *estratégia de denegação* quando o assunto é referente à sua presença, ou *pertença* em sua produção. Ressalvadas as diferenças, podemos dizer que o mesmo acontece com suas personas midiáticas (colunistas, *ghost writer*, redatora, jornalista pseudônimos), assim como também há uma aproximação entre o ofício de escritora e outros ofícios, como o da tradução. Com relação ao papel feminino desempenhado por Clarice Lispector na imprensa (na verdade papéis, já que ela teve vários pseudônimos), podemos dizer que o mesmo assistiu às mudanças pela quais passava a mulher brasileira, de década para década na sociedade, como mostra também o *próprio* papel desempenhado pela intelectual nos meios midiáticos brasileiros e suas várias personas midiáticas que, apesar de terem biografia própria, compartilhavam moda, estilos, perfis, textos e ... papéis.

Por falar em papéis, vejamos, entre os vários papéis vividos por Clarice na vida e na ficção, aqueles vividos por ela na imprensa brasileira. Interessa-nos desses papéis apenas destacar um perfil da biografia de cada um em seu momento histórico, comparando-os com a *própria* persona da intelectual, por entendermos que, dessa

soma de perfis e personas, sobressai-se aquela imagem midiática da intelectual que, além de justificar o título deste ensaio, endossa o rol de *personalidades* que fazem o retrato biográfico da escritora Clarice Lispector.

A colunista Tereza Quadros teve vida curtíssima: nasceu dia 15 de maio de 1952 e circulou na imprensa brasileira até em 17 de outubro do mesmo ano. Sua vida de colunista foi tão efêmera quanto o jornal *Comício* para o qual escrevia. A heterônima da escritora Clarice Lispector assinava a autoria da coluna intitulada “Entre mulheres”. Essa coluna, como em todas as demais, era Clarice escrevendo para dar conselhos, receitas e segredos às mulheres da época que desejavam adquirir um rosto. Em carta ao amigo Fernando Sabino, Clarice traça um sutil perfil de sua criatura Tereza Quadros: “ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão alta, até mesmo às vezes feminina, uma boa jornalista enfim” (*Apud* SABINO, 2001, p.103).

Interessa-nos observar esse jogo artificioso de máscaras no qual Clarice acaba comparando os perfis de suas criaturas e o seu próprio perfil, a ponto de nos perguntarmos até onde que o perfil de uma não seria o da outra? O mesmo jogo de empréstimos que Clarice estabelece entre sua ficção ocorre também entre as produções de suas criaturas midiáticas. Apesar da vida curta da jornalista, foi ela, entre todas as demais personas criadas para ocupar o lugar da intelectual Clarice Lispector, quem mais invadiu, e mesmo dialogou, com a literatura da escritora. É nesse sentido que entendemos quando Aparecida Maria Nunes diz que através do discurso de Tereza Quadros “identificamos o recurso pelo qual Clarice Lispector se pautou para compor tais páginas e que, de certa forma, caracterizam ainda sua ficção: o gosto pelo interdito, pelas entrelinhas e pelos pequenos detalhes que remetem a significações outras” (NUNES, 2006, p.80).

Para inaugurar sua coluna “Entre mulheres” no dia 15 de maio de 1952 no tablóide *Comício*, Tereza Quadros vale-se de um comentário do escritor Bernard Shaw sobre a atriz parisiense de teatro Sarah



Bernhardt. De acordo com Aparecida Maria Nunes, Shaw enaltece a vivacidade graciosa que exala da beleza da atriz, *fala do brilho da pele e de como o rosado das orelhas pequenas seduzem por entre os cachos dos cabelos castanhos. Os cílios são lânguidos, as faces aveludadas como um pêssego e tudo nela adquire um ar de inverossimilhança do ponto de vista humano tal o fascínio que a atriz lhe despertara* (Ver NUNES, 2006, p.144). Segundo Nunes, Bernhardt, na descrição de Shaw, “faz jus ao retrato de mulher que Clarice Lispector, enquanto colunista de página feminina, procurava ensinar às suas leitoras” (NUNES, 2006, p.144). As aproximações e semelhanças que podemos depreender daí são muitas. O fascínio que a atriz despertara no escritor equivale, ressaltadas as diferenças, ao fascínio que a própria Clarice, bem como todas as mulheres da época, sentiam/tinham das estrelas europeias e hollywoodianas. A imagem, ou perfil das celebridades mundiais, que a jornalista Clarice encontrava nos livros e periódicos dos quais recortava e colava em sua coluna, ressaltadas as diferenças, eram muito semelhantes, para não dizer igual, às descrições feitas pela escritora dentro de sua ficção, a exemplo dos retratos de Marilyn Monroe e Greta Garbo em *A hora da estrela*. Sem sombra de dúvida, o fascínio que a miserável Macabéa sentia pelas estrelas era resquício desse tempo de aprendizagem de Clarice jornalista (Lembramos que uma das cinco seções de Tereza Quadros era chamada de “Aprendendo a viver”). Claro que se somava a isso a própria admiração da escritora por aquele modelo de beleza de mulher fatal. Não nos esquecemos que a escritora tornou-se uma exímia retratista da condição da mulher numa sociedade burguesa e patriarcal.

Como se não bastassem as semelhanças no campo das aproximações, se, por um lado, o retrato da atriz parisiense aproxima-se do retrato de mulher que a escritora/jornalista queria ensinar às suas leituras da coluna, por outro, também deixa-se entrever aí o próprio esboço biográfico da escritora. Ou seja, ao falar do outro, ao retratar a outra, quer essa seja uma atriz francesa (Bernhardt) ou uma perso-

na inventada(Tereza Quadros), Clarice vai fabricando sua própria imagem para o outro, para a sociedade inteira.

Mas não foram só o escritor Bernard Shaw e a atriz Sarah Bernhardt que passaram pela coluna da jornalista Tereza Quadros. Também as escritoras famosas Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Clarice Lispector, entre outras mulheres, por ali se fizeram presentes, justificando, inclusive, o título da coluna “Entre mulheres”. De Mansfield, Tereza/Clarice traduz um trecho de um conto da escritora neozelandesa, que vem entre aspas, atestando a tradução. Se ali, no jornal, tínhamos Tereza traduzindo Mansfield para suas leitoras, mais tarde Clarice comenta em crônica do *Jornal do Brasil* que, numa de suas tantas vidas que tivera, aos quinze anos descobrira K. Mansfield numa livraria e, folheando o livro *Felicidade*, sua identificação com a literatura da autora foi tão grande que pensara “esse livro sou eu!” (Ver NOLASCO, 2004). Vê-se que, por meio de seus heterônimos, a escritora literalmente arruma pretexto para convocar seus amigos literários com os quais sua literatura nutria alguma afinidade. Nesse sentido, podemos dizer que se, por um lado, a escritora procurou a todo custo esconder suas possíveis amizades literárias, por outro, suas criaturas inventadas divulgavam pela mídia impressa os amigos mais admirados e lidos pela escritora/jornalista. Isso aconteceu com Mansfield, na coluna de Tereza Quadros, e também com a escritora inglesa Virginia Woolf.

Mrs Woolf aparece como “A irmã de Shakespeare”, também publicada na coluna “Entre mulheres” em 22 de maio de 1952. Na verdade, a crônica de Tereza Quadros sai de sua leitura do livro *Um teto todo seu* (1929), onde a escritora inglesa discute a possibilidade de Shakespeare ter tido uma irmã e como seria esta suposta irmã na sociedade. Não é por acaso que o livro de Virginia é resultado de duas conferências que ela faz para mulheres da época. *Um teto todo seu* é a defesa da intelectual Virginia Woolf de que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende mesmo escrever ficção.”

(WOOLF, 1985, p.8). Se ali a mulher e escritora Virginia Woolf discutia sua própria condição na sociedade falocêntrica e patriarcal, diríamos, ressaltadas todas as diferenças epocais que nem eram tantas, que o mesmo acontece com a intelectual brasileira Clarice Lispector, uma vez que esta é obrigada a trabalhar na imprensa, mesmo sem gostar, para ter melhores condições financeiras. A crônica de Tereza Quadros, se, por um lado, mexe com a consciência de suas leitoras, por outro, também mostra a consciência crítica da própria intelectual e mulher Clarice Lispector diante de sua função e papel na sociedade. Tereza Quadros rediscute o papel da condição feminina na sociedade, e o faz valendo-se da voz aguda da escritora Virginia Woolf. Não é demais lembrar que o que estamos querendo frisar é exatamente a voz, ou persona da escritora brasileira aí interposta. A crônica de Tereza Quadros é feminina, trágica e cruel: *numa noite de inverno*, Judith Shakespeare se matou.

Em crônica publicada em 17 de abril de 1971, intitulada “Ao correr da máquina”, publicada no *Jornal do Brasil* (lembramos que a escritora publicou crônicas no *Jornal do Brasil*, de agosto de 1967 a dezembro de 1973, assinando com o próprio nome), Clarice, ao comentar a perda de amigos e de que não tem medo da morte, diz que “não gosto quando dizem que tenho afinidade com Virgínia Woolf (só a li, aliás, depois de escrever o meu primeiro livro): é que não quero perdoar o fato de ela se ter suicidado” (LISPECTOR, 1984, p.529).<sup>3</sup> Já tivemos a oportunidade de mostrar que a preocupação da escritora brasileira aí não passava pelo suicídio da escritora inglesa, mas, sim, pelo medo da comparação, ou afinidade literária entre ambas as literaturas. O fato é que numa conversa sobre a condição feminina, Virginia Woolf não podia ficar de fora, como de fato não ficou, mesmo que para isso

---

<sup>3</sup>Ver o nosso *Restos de ficção*, mais especificamente a parte “clandestina felicidade da leitura”, p.119-138.

Clarice tenha se valido do artifício da máscara, ou persona, como no caso da colunista Tereza Quadros. De modo que é escusado dizer que nessa conversa “entre mulheres” aparece, além da voz da colunista, as vozes de Virginia Woolf, Clarice Lispector, a irmã de Shakespeare e, por que não, das próprias leitoras da coluna?

Com razão Aparecida Nunes adverte que “se Tereza não fosse Clarice, talvez a página feminina de *Comício* nada teria a acrescentar a outras do seu gênero, tão iguais” (NUNES, 2006, p.174). Um exemplo disso é encontrado na crônica “meio cômico, mas eficaz...”, na qual a colunista relata uma receita às suas leitoras de como matar baratas, publicada no tablóide a 8 de agosto de 1952. Tal crônica, e Nunes observa isso muito bem, resultará no conto, de autoria de Clarice Lispector, “A quinta história”. Se os ingredientes entre a crônica e o contos são quase os mesmos, por outro lado a forma como a escritora replica a receita altera substancialmente o resultado esperado. Agora, tem-se como fórmula o ficcional. Para Nunes, a escritora não consegue manter a máscara de Tereza Quadros o tempo inteiro. Na prática de reapropriar do texto do outro, Clarice copia e transforma a receita alheia tornando-a um conto, que o reinsere no livro *A legião estrangeira* (1964). Nesse caso, um texto da colunista serve de mote para uma criação futura da escritora. Aparecem também outros textos que, reescritos, mais tarde não publicados em livro, como por exemplo a história “Um dia cheio” que foi incluída no livro *Onde estivestes de noite* com o título de “Uma tarde plena”. Registre-se que tantos nos textos assinados quanto nos não assinados pela colunista há crônicas de autoria de Clarice Lispector, atestando a presença da escritora na coluna “entre mulheres”.<sup>4</sup>

Já a vida de Helen Palmer não foi tão curta quanto a de Tereza quadros: entre agosto de 1959 e fevereiro de 1961. Sua vida resumiu-se

---

<sup>4</sup>Sobre a biografia de Tereza Quadros, ver NUNES. Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas, mais especificamente a parte “Tereza Quadros”: p.119-196.

ao espaço da seção *Correio Feminino* – Feira de Utilidades, que ia ao público às quartas e sextas-féias, no *Jornal Correio da manhã*. Segundo Nunes, Helen Palmer “procura acompanhar as transformações da mulher na sociedade apresentando dicas para as que desejam um emprego e destacando a mulher de personalidade forte e decidida. Mas sua prosa está basicamente estruturada tendo em vista a intenção de fornecer à leitora orientação e técnica para a sedução e conquista do homem amado.” (NUNES, 2006, p.219). A colunista feminina dá sua receita e seus ingredientes de como suas leitoras se prepararem para seduzir, como mostra esta passagem:

A sedução da mulher começa com a sua aparência física. Uma pele bem cuidada, olhos bonitos, brilhantes, cabelos sedosos, corpo elegante, atraem os olhares e a admiração masculina. Para que esses olhares e essa admiração, porém, não se desviem decepcionados, é preciso que outros fatores, muito importantes, influenciem favoravelmente, formando o que poderíamos chamar a “personalidade cativante” da mulher. (Apud Nunes, 2006, p.220).

Para induzir suas leitoras a abandonar certos valores e adotar outros, Helen Palmer vale-se de uma estratégia já usada por Tereza Quadros: a de recortar trechos de autores ficcionais, filósofos e inseri-los página da coluna. Essa prática, tão comum nas colunistas, será a mesma da qual a escritora Clarice Lispector se valeu por toda sua produção literária. A diferença talvez esteja quando se constata que ambas copiavam trechos de autores diferentes e com objetivos às vezes diferentes. Em todo caso, defendemos a ideia de que aqueles escritores e filósofos, bem como periódicos, revistas etc, reforçaram o projeto intelectual da escritora, alterando-o exatamente naquele sentido de uma literatura modernista demais que estava em sua base inicial. A produção da colunista Helen Palmer foi intensa e extensa. As temáticas abordadas tratam de temas recorrentes, como receitas, modas, beleza, ‘conversa mole’ etc. Se, por um lado, Helen Palmer visava um perfil da mulher voltada para a nova década, atravessada

pela indústria do consumo, por outro, e por conseguinte, reproduzia a ideologia que exprimia a cultura do consumo, principalmente para atingir o público feminino da época.

Já com relação à colunista Ilka soares, Clarice não precisou se valer de pseudônimos: dessa vez ela era *ghost writer* da bela atriz e manequim da época. A *ghost writer*, como as demais, não teve vida longa: sua coluna “Só para Mulheres” durou de abril de 1960 a março de 1961. De acordo com Nunes, encontrava-se nos textos da colunista conselhos domésticos, comportamento e cotidiano; receitas simples e exóticas de culinária e medicina caseira; segredos para a vaidade feminina, sedução e vida amorosa. O que encontrávamos nas colunas, quer fosse na de Tereza Quadros, Helen Palmer ou Ilka Soares, era uma Clarice dando conselhos sobre a vida e seus problemas naturais.

Merece registrar que quem não conhecia as várias facetas da intelectual Clarice Lispector, suas várias personas, inclusive reais, bem como as diferentes obras lidas por ela, desde livros de moda até livros filosóficos, lugar onde se escondia e se revelava uma face escondida de narciso, os livros de autoria de Clarice Lispector, *Correio feminino* e *Só para mulheres*, com primoroso trabalho da organizadora Aparecida Maria Nunes, vêm desnudar mais uma persona da escritora, que são mil e uma, quando descobrimos que mil e uma crônicas ainda nos restam para serem lidas. A Clarice midiática é e não é a Clarice da literatura brasileira. É, porque tal persona midiática suplementa aquela persona literária, bem como um texto suplementa outro. Não o é, porque sua produção enquanto jornalista pode ser estudada por fora da produção literária. Se no plano intelectual, tais trabalhos podem ser analisados separadamente, já o mesmo não podemos dizer quando visamos traçar o perfil biográfico da intelectual Clarice Lispector.

### Referências

CERRADOS. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. *Literatura e presença: Clarice Lispector*. Universidade de Brasília, n 24, ano 16, 2007.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *Só para mulheres*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção*. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

